

Metrô deverá criar vagões cor-de-rosa só para mulher

Projeto tenta evitar constrangimentos, mas empresa acha que é inviável

Cristina Fausta

A bolinação que constrange as mulheres nos transportes coletivos e, muitas vezes pode evoluir para agressões e atentados ao pudor, é uma contravenção silenciosa e muito comum dentro dos transportes coletivos. Muitas mulheres enfrentam o problema todos os dias e se revoltam. Elas expõem que homens se valem do aperto dos ônibus e dos vagões do metrô para praticarem o ato. Segundo a projetista Juliana Mendes, 33 anos, às vezes é preciso se valer de cotoveladas para se defender dos mais abusados.

— Eles se valem do aperto, ocasionado pelo aumento do número de usuários para se esfregarem nas mulheres. Eu reajo, dou cotoveladas, apelo mesmo — conta a projetista.

Logo após o recesso

Ao menos no que depender da iniciativa da Câmara Legislativa, a contravenção deve acabar. É que as queixas das usuárias dos coletivos ganharam a forma de projeto de lei, que deve ser apreciado logo após o recesso parlamentar. A ideia é que nos horários de pico, cada trem destine um de seus vagões para o público feminino. A vendedora Paula Vieira, 27 anos, vive a mesma situação de Juliana todos os dias.

— É um esfrega-esfrega que, às vezes, temos de suportar durante toda a viagem — contou a vendedora.

O autor da proposição, deputado Alírio Neto (PPS) afirma que, pós o aumento no número de passageiros, a queixa de mulheres vítimas de algum tipo de atentado ao pudor dentro do metrô tem aumentado na Casa.

A justificativa do projeto coincide com a reclamação de Juliana Mendes, de Paula Vieira e de tantas outras histórias contadas na Estação Central do Metrô-DF. A vendedora Paula Vieira, 27 anos, pega o metrô na Ceilândia rumo ao Plano

Com o aumento de passageiros cresceu também a quantidade de mulheres que passaram a nos procurar para contar o assédio que sofrem

Alírio Neto
presidente da Câmara Legislativa

Piloto todos os dias. Ela conta que o esfrega-esfrega se dá, principalmente, na hora de entrar e saltar do coletivo.

— Eles se aproveitam mesmo, passam a mão, ficam atrás da gente a viagem inteira, é um transtorno que enfrentamos todos os dias — afirma a vendedora.

O projeto foi elaborado após uma pesquisa que verificou como operam as companhias de metrô de outros estados da federação e o metrô de Nova York.

Segundo o distrital, além da exclusividade, o projeto ainda prevê que o vagão deve ser todo adaptado à mulher, com suportes mais baixos e locais adequados para colocar bolsas. E, para diferenciar o vagão dos demais, a ideia é que ele seja rosa, conforme Alírio Neto.

— A inauguração das estações do metrô em Ceilândia fez o número de usuários subir de 50 mil para 150 mil. Junto com esse aumento de volume de passageiros cresceu a quantidade de mulheres que passaram a nos procurar para contar o assédio que sofrem todos os dias. O uso do vagão é opcional: a mulher pode andar em qualquer um deles. Quanto a cor, eu presumo que tenha de ser rosa, como no Rio de Janeiro. A cor já afastaria parte do público masculino — explicou Alírio.

O projeto ainda prevê que menores de 14 anos, desde que

Em geral, mulheres não registram esse tipo de ocorrência por vários motivos, como não poderem se atrasar para compromissos

Sandra Gomes Melo
delegada-chefe da DEAM

acompanhados pela mãe ou uma responsável mulher, poderão viajar nos vagões exclusivos. A medida só será válida de segunda a sexta-feira. No domingo, o trânsito é livre em todos os horários. Caso vire o projeto vire Lei, o metrô terá 30 dias para implantar a medida

Risco da segregação

A subsecretaria de Políticas para Mulheres do GDF e socióloga da UnB, professora Lourdes Maria Bandeira afirma que o projeto está longe das condições ideais que as mulheres deveriam ter para circular nos meios de transporte coletivo. Segundo ela, caso a proposição vire lei, há um risco que a segregação possa estimular ainda mais um comportamento inadequado por parte dos homens.

— Caso o projeto vire lei, o ponto positivo é que as mulheres poderão se locomover nos coletivos de maneira mais adequada. O ideal seria reeducar a população é que as mulheres pudessem circular e serem respeitadas. O lado negativo desta proposta é que a segregação pode gerar mais discriminação e desrespeito com as mulheres quando elas estiverem nos coletivos comuns. Se esse projeto virar lei, pelo menos que haja uma campanha educacional conjugada quando entrar em vigor — comentou a socióloga.

Não há registros

As queixas que motivaram a elaboração do projeto de Lei nunca chegaram à Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam), que fica na 204 Sul. A delegada chefe Sandra Gomes Melo afirma que os fatos que ocorrem dentro dos coletivos são de conhecimento da delegacia mas, acredit, as ocorrências não são registradas devido à dificuldade de se identificar o transgressor.

— Em geral, as mulheres não registram esse tipo de ocorrência por vários motivos. Um deles é que elas sempre estão a caminho de compromissos importantes e não podem se atrasar — explica a delegada.

Para Sandra, o medo de ser agredida dentro do coletivo, o constrangimento e ainda o receio de causar transtornos impedem que as ocorrências cheguem à delegacia.

— O transtorno coletivo é mais um fator que impede que os registros cheguem à delegacia — acrescentou a delegada.

A delegada disse que ainda não sabe avaliar se a iniciativa do Legislativo é positiva ou não, mas ressaltou que a providência é interessante.

Viabilidade duvidosa

Segundo dados da Companhia do Metropolitano — Metrô-DF — também não há casos de reclamações de usuárias na Central de Atendimento ao Usuário, local adequado para possíveis denúncias. Segundo o diretor-presidente da companhia, José Gaspar, não há recursos para fazer a adaptação proposta.

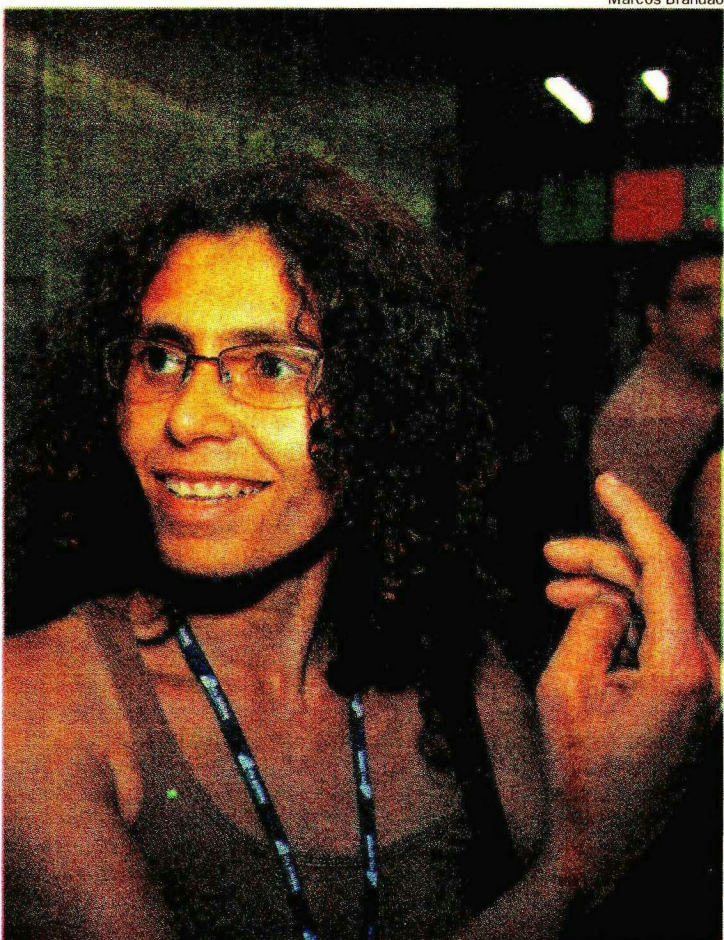
— O que eu posso dizer é que a situação atual do metrô torna inoportuna a proposição — sintetizou José Gaspar.

Em nota, o Metrô-DF disse que dos mais de 140 milhões de passageiros que usam o meio de transporte diariamente, cerca de 53% dos usuários são mulheres

Marcos Brandão



PAULA VIEIRA — Revolta contra o esfrega-esfrega que, às vezes, as mulheres precisam suportar durante toda a viagem de metrô



JULIANA MENDES — Projetista revela que precisa recorrer até a cotoveladas para afastar os que se aproveitam da superlotação